

## O AUDIOVISUAL COMO DOCUMENTO HISTÓRICO: O CINEMA NA ESCOLA

ANTONIO IVANILO BEZERRA DE OLIVEIRA  
UECE. E-mail: ivanilobezerra@yahoo.com.br

### Introdução

Este artigo tratará do uso dos documentos na pesquisa em História, e principalmente, na sala de aula por parte de professores e alunos.

Já é sabido que as concepções de História irão determinar os documentos e, conseqüentemente, as linguagens utilizadas para o estudo dos temas históricos por parte dos historiadores e professores de História. O termo *linguagens* é aqui entendido como formas de representação das realidades do passado e do presente dos seres humanos.

### Conceituando Audiovisual

Se até o século XIX prevalecia como fonte de estudo da História os documentos escritos e oficiais, com a fundação dos Annales no início do século XX esse conceito de fonte foi ampliado e novos elementos da vida humana passaram a ser considerados. Nas palavras de Cardoso e Mauad:

De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. Dessa forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc, foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador. (1997, p. 402)

É nesse contexto de mudanças e de uso de variadas fontes históricas, que merece destaque o trabalho com o audiovisual, pelo fato de que:

Vivemos em um mundo dominado por imagens e sons obtidos 'diretamente' da realidade, seja pela encenação ficcional, seja pelo registro documental, por meio de aparatos técnicos cada vez mais sofisticados. E tudo pode ser visto pelos meios de comunicações e representados pelo cinema com um grau de realismo impressionante. Cada vez mais, tudo é dado a ver e a ouvir, fatos importantes e banais, pessoas públicas e influentes ou anônimas e comuns. Esse fenômeno, já secular, não pode passar despercebido pelos historiadores, principalmente para aqueles especializados em História do século XX. (NAPOLITANO, 2006, P. 235).

Ainda para Napolitano, as fontes audiovisuais ganham crescentemente espaço na pesquisa histórica. Constituem essas fontes o cinema, a televisão e os registros sonoros em geral. O estudioso entende que o historiador deva compreender com clareza a linguagem do documento audiovisual escolhido como fonte e objeto de estudo. Para ele:

Mesmo que o historiador mantenha sua identidade disciplinar e não queira se converter em comunicólogo, musicólogo, ou crítico de cinema, ele não pode desconsiderar a especificidade técnica de linguagem, os suportes tecnológicos e os gêneros narrativos que se insinuam nos documentos audiovisuais, sob pena de enviesar a análise. (2006, p. 238)

Em outras palavras, o historiador ou professor de História deve estar atento para as especificidades das linguagens dos documentos utilizados. No caso do cinema, o historiador ou professor deverá conhecer a essência do mesmo, seus mecanismos, as técnicas de sua produção para assim fazer um bom uso.

No tocante ao ensino, Fonseca (2003) entende que se tornou prática comum o uso de imagens, obras de ficção, filmes e programas de TV, no desenvolvimento de vários temas ligados ao ensino de História. Para a autora "trata-se de uma opção metodológica que amplia o olhar do historiador, o campo de estudo, tornando o pro-

cesso de transmissão e produção de conhecimentos interdisciplinar, dinâmico e flexível” (p. 163).

Dentre os vários tipos de fontes audiovisuais utilizados pelos professores de História, este trabalho se deterá ao cinema, entendendo que ele se configura como um dos mais utilizados pela escola e o de mais fácil acesso para professores e alunos.

### **O Cinema como Recurso Didático nas Aulas de História: Limites e Possibilidades**

A utilização de filmes no cenário educacional, principalmente nas aulas de História, não se configura como um mecanismo da atualidade. Desde o início do século passado, mas precisamente no ano de 1912, que o professor do Colégio Pedro II e autor de livros didáticos Jonathas Serrano já recorria a filmes de ficção ou documentários para facilitar o ensino e aprendizado de sua disciplina.

Para o professor Serrano, o uso dos filmes na sala de aula faria com que se renovassem os métodos de ensino baseados na memorização e que os alunos poderiam aprender “pelos olhos e não enfadonhamente só pelos ouvidos, em massudas, monótonas e indigestas preleções.” (SERRANO apud BITTENCOURT, 2004). O filme, utilizado nesse contexto, tinha o caráter de “fazer voltar ao passado” (grifo nosso), ou nas palavras do próprio Serrano: “Graças ao cinematógrafo, as ressurreições históricas não são mais utopia.”

Os professores que pretendem utilizar o filme como recurso didático em suas aulas não poderão concebê-lo como uma cópia fiel do acontecimento histórico. E sim como uma representação, como um ponto de vista de quem o produziu.

Estudiosos do uso do cinema como recurso didático nas aulas de História, alertam para o fato de tentar superar as ressurreições históricas e pensar o filme como um elemento de representação de um dado acontecimento histórico, imbricado de posicionamentos políticos e ideológicos de seus idealizadores. A esse respeito,

Barcala (2009) salienta que “os filmes históricos, muitas vezes, são influenciados ou contaminados por ideologias, impregnando-se de determinadas mensagens políticas, como toda produção cultural, e o espectador deve estar atento a essas ‘contaminações’ (grifo do autor)”. Vale ressaltar ainda que o filme se constitui como um produto de mercado, sendo assim está passível a fatores diversos como interesses comerciais (patrocínio, divulgação...).

Chamaremos aqui de filmes históricos, os que orientam os seus roteiros em acontecimentos históricos amplamente conhecidos ou até mesmo aqueles que escapam do conhecimento do grande público. Nos últimos anos verifica-se um aumento significativo no número de produções desse gênero.

Bittencourt (2004) adverte que data dos anos 60 e 70 do século passado o início dos estudos sobre a iconografia cinematográfica, acompanhado dos debates que destacavam a importância da diversificação das fontes a ser utilizadas na pesquisa histórica. A autora aponta ainda, os historiadores franceses Marc Ferro e Pierre Sorlin como os pioneiros nos estudos sobre cinema e história. “Ambos se detiveram, sobretudo, na natureza da imagem cinematográfica, reconhecendo a complexidade do objeto que buscavam analisar, e introduziram métodos para uma efetiva crítica de fontes audiovisuais.” (2004, p. 373).

Para Ferro (1976) o filme é uma fonte para entendermos os comportamentos, as visões de mundo, os valores, as ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. Sorlin (1994) adverte sobre a importância de o historiador levar em consideração o conjunto de elementos que compõe um filme, a saber: os sons, vozes, cantos, palavras, música instrumental e ruídos. Resumindo, o trabalho com o filme iria além da sua narrativa e contemplaria a análise de elementos que o compõem.

Partindo desse pressuposto “a leitura do filme deve-se ater a cada elemento constitutivo da arte cinematográfica, às técnicas de sua produção, aos grupos sociais que interagem em sua elaboração,

à política cultural, à sociedade que a produz e a consome, atendendo para todas as variáveis.” (BITTENCOURT, 2004, p. 374).

Os resultados das análises de Ferro e Sorlin evidenciaram que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, conforme salientava Serrano, mas reconstrói a realidade com base em uma linguagem própria, produzida em determinado contexto histórico. E, muitas vezes, reflete aos anseios do mercado consumidor da época em que foi produzido.

Cardoso e Mauad consideram que o trabalho do historiador nem sempre se apoia na totalidade das obras, este pode usar seqüências ou imagens destacadas, compor séries e conjuntos. O historiador “deve integrar o filme ao mundo social, ao contexto em que surge – o que implica a pertinência do confronto da obra cinematográfica com elementos não-cinematográficos: autor, produção, público, regime político com suas formas de censura...” (1997, p. 412). A análise de todos esses elementos irá demonstrar as reais motivações para a produção do filme e a que ele se destina.

Observa-se que a partir dos anos 1980, os filmes passaram a ser utilizados como fonte para a história contemporânea através da iniciativa de historiadores estadunidenses ao empreenderem uma maior investigação sobre a história do cinema dos Estados Unidos e sobre sua conhecida indústria cinematográfica. Convém lembrar que os estúdios de Hollywood produzem e distribuem filmes para o mundo inteiro.

No Brasil também é notório o aumento de produções cinematográficas que abordam temáticas históricas. Muitas delas tornaram-se campeãs de bilheteria, o que representa um ponto positivo: levar ao conhecimento do grande público as representações da nossa História. Além de oferecer maiores recursos aos professores no trabalho de sala de aula, abrindo assim meios de reflexão e aprendizagem das temáticas históricas abordadas.

Na atualidade, os historiadores do cinema têm a sua disposição contribuições do campo da antropologia, da lingüística, da

sociologia e demais áreas da comunicação que permitem uma metodologia mais abrangente para analisar tanto os filmes de ficção quanto documentários ou filmes científicos. A historiadora Mônica Kornis alerta para três aspectos fundamentais a serem considerados para a análise de filmes:

- a) os elementos que compõem o conteúdo, como roteiro, direção, fotografia, música e atuação de atores;
- b) o contexto social e político de produção, incluindo a censura e a própria indústria do cinema;
- c) a recepção do filme e a recepção da audiência, considerando a influência da crítica e a reação do público segundo idade, sexo, classe e universo de preocupações. (KORNIS, 1992, p. 248).

Daí, conclui-se que se forem considerados esses aspectos pelo professor no trabalho com seus alunos, pode-se evitar que o filme seja entendido como “cópia fiel” do acontecimento histórico narrado.

Bittencourt (2004) lança algumas recomendações para os professores que desejam utilizar filmes em suas salas de aula. Para a historiadora, os cuidados começam já no momento da escolha. O professor deverá sondar os interesses dos alunos enquanto espectadores (conhecer os tipos de filmes mais vistos, suas preferências em relação ao gênero – terror, suspense, romance etc, o que valorizam mais se a interpretação dos atores ou o conteúdo desenvolvido) e a partir desses questionamentos oferecer informações sobre a linguagem específica do filme enquanto documento histórico.

Em seguida, o professor deverá seguir os procedimentos metodológicos propostos pelos especialistas, começando pela estrutura interna do filme (conteúdo, personagens, acontecimentos principais, cenário, lugares, tempo em que decorre a história narrada etc.) Também será importante o levantamento de informações acerca da produção do filme (diretor, produtor, música, técnica

etc.). Para enfim, analisar o contexto externo como o ano de produção, país de origem, dentre outros.

O historiador Carlos Vesentini (1997), sugere uma metodologia para o uso do filme como complemento dos conteúdos abordados em sala de aula. Nessa perspectiva, os filmes podem ser recortados e ser apresentados aos alunos somente as partes que mais interessam ao tema tratado.

Trata-se de subdividir o filme em vários blocos, em pequenas cenas, atendendo a interesses de conteúdo. É difícil sua efetivação em sala de aula, dado o tempo exigido. Mas por ela o professor amplia tanto o seu domínio sobre o filme quanto define melhor uma bibliografia de leitura prévia para o trabalho com o filme. (VESENTINI, 1997, p. 165)

O recorte da obra cinematográfica possibilitará uma melhor interação entre o professor, o filme e os alunos. Ao apresentar uma dada seqüência ou mesmo uma única cena, o professor poderá detalhar melhor a composição dela, além de associá-la ao conteúdo estudado, o que contribuirá para um melhor aprendizado da turma. Entendimento esse, que poderia ser comprometido por uma exibição contínua (sem pausas).

Partindo-se da exposição dos estudiosos sobre os mecanismos que compõem a estrutura dos filmes, convém fazer aqui mais algumas recomendações:

1. Sempre que o professor recomendar um filme aos seus alunos, ele deverá tê-lo assistido e analisado para que possa ter certeza que a obra cinematográfica escolhida serve aos interesses do conteúdo em estudo e se é apropriado para a faixa etária da turma. Por exemplo, um filme que contém cenas fortes como mortes violentas ou nudez excessiva deve ser evitada em uma turma de adolescentes, sob o risco de não atender aos objetivos planejados e causar certos incômodos. Para isso, a prepa-

ração do professor será fundamental. Napolitano (2006) alerta que “o professor não precisa se tornar um crítico de cinema, mas as informações prévias do filme em questão são extremamente importantes para que as atividades em sala de aula se tornem mais produtivas e interessantes.”

2. Será preciso também levar em consideração que o autor/diretor do filme faz um recorte da realidade, do acontecimento histórico a ser mostrado. Essa atitude contribui para a análise do lugar social de quem produz a obra.

É importante que o aluno compreenda que o filme é uma recriação do acontecimento histórico narrado. E essa recriação é influenciada pelas escolhas e pelos pontos de vistas de quem o produz. Por esta razão, como já dissemos anteriormente, o filme não pode ser encarado como uma reprodução fidedigna do fato histórico. Ele está passível aos interesses da época de quem o produz.

3. É interessante a reflexão sobre a forma da narrativa utilizada, trata-se de uma obra ficcional ou um documentário, por exemplo. Isso pode ser observado através das imagens, dos diálogos, das legendas etc. De forma semelhante, poderá ser observado o uso de *close-ups*, isto é, a aproximação da câmara para enquadrar paisagens, eventos ou o rosto dos atores, ou até mesmo de depoentes, no caso de documentários. Todos esses fatores servem para direcionar a atenção do espectador.

Em relação ao trabalho dos alunos diretamente com o filme, são propostas algumas sugestões de atividades:

- a) assistir ao filme depois de iniciado o estudo de um determinado conteúdo. O filme nesse caso funcionaria como um complemento didático. Caso o professor prefira iniciar o estudo de um novo conteúdo exibindo um filme, ele pode fazê-lo sem nenhum problema, pois “um bom vídeo é interessantíssimo para



introduzir um novo assunto, para despertar curiosidade e a motivação para novos temas. Isto facilita o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria”. (NAPOLITANO, 2006, p. 34).

- b) a elaboração de uma ficha técnica contendo os dados básicos do filme, como título, ano de produção, diretor, atores principais, época retratada, local das filmagens, livro em que o roteiro foi baseado, se for o caso. O uso da ficha permite que o aluno sintetize os elementos principais que constituem o filme, auxiliando assim em seu entendimento.
- c) o registro dos elementos mais significativos em relação a aspectos como cenário (ruas, casas, edificações variadas, cidades, paisagens, instrumentos etc.) e personagens no que tange a vestuário, hábitos alimentares, costumes, modos de falar etc.
- d) relacionar aspectos mostrados pelo filme, com o conteúdo histórico apresentado e discutido em sala de aula, e por fim;
- e) a elaboração de um texto crítico sobre a obra assistida.

A especialista em ensino de História da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Denice Santana, sugere a apresentação de um roteiro de análise do filme e/ou documentário no ambiente da sala de aula, como uma forma de perceber os aspectos mais importantes do vídeo. As questões são as seguintes:

1. Qual o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar a sua mensagem?
2. Você assimilou/aprendeu alguma coisa com este filme? O quê?
3. Algum elemento do filme não foi compreendido?
4. Do que você mais gostou do filme? Por quê?
5. Qual o seu personagem favorito no filme? Por quê?
6. Qual o personagem de que você menos gostou? Por quê?
7. Qual é a síntese da história contada no filme?

Através desse roteiro os alunos poderão mostrar o grau de entendimento que tiveram do filme. Enquanto o professor poderá perceber se os seus objetivos foram alcançados.

Por fim, convém ressaltar que as sugestões anteriores foram definidas para a elaboração de um roteiro de atividades e devem ser utilizadas ou adaptadas mediante o filme escolhido e as intenções pensadas pelos professores.

### Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org). *Domínios de história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FERRO, Marc. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J. & NORA, Pierre (orgs). *História : Novos objetos*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- KORNIS, Mônica A. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 237-250.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTANA, Denice. *O cinema nas aulas de história*. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1360-8.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas as imagens, testemunhas da História. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro; vol. 7, n. 13, 1994, p. 81-95.